

**As sonatas de Ludwig van Beethoven para piano e violino por Alexandre Rey Colaço e Júlio Cardona: uma revisitação dos concertos de 1915 através da imprensa da época**

Hélder Sá  
Universidade de Aveiro

**Resumo**

Entre Janeiro e Março de 1915 Alexandre Rey Colaço e Júlio Cardona apresentaram a integral das *Sonatas* para piano e violino de Beethoven no Grémio Literário, em Lisboa. A partir da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011) esta investigação analisa as críticas a estes cinco concertos de modo a aferir a recepção junto da imprensa. Estabeleceram-se quatro categorias finais: Intérpretes; Interpretação; Importância do compositor e do repertório; O Grémio Literário, os seus valores e objectivos.

Constatam-se referências ao carácter educativo das audições, seja pelo repertório como pela colaboração de discípulos. As alusões à genialidade de Beethoven e à sua importância histórica são frequentes. É perceptível o prestígio artístico que Colaço e Cardona possuíam, sendo as suas interpretações qualificadas como magistrais, plenas de brilho e sensibilidade.

**Palavras-chave:** violino, Grémio Literário, Alexandre Rey Colaço, Júlio Cardona, música de câmara.

**Abstract**

Between January and March 1915 Alexandre Rey Colaço and Júlio Cardona performed the complete set of Beethoven's *Sonatas* for piano and violin in Grémio Literário, in Lisbon.

From Laurence Bardin's (2011) content analysis methodology, this paper examines the criticisms of these concerts in order to understand their reception by the press, contributing to a better technical and artistic characterization of these performers.

There are many references to the educational value of the performances, to the repertoire and to the participation of students. Allusions to Beethoven's genius and his historical importance are frequent.

The press highlights Colaço and Cardona's technical and artistic prestige. Their interpretations were qualified as masterful, bright and sensitive.

**Keywords:** violin, Grémio Literário, Alexandre Rey Colaço, Júlio Cardona, chamber music.

### **Contexto**

Ludwig van Beethoven destacou-se na programação musical das cidades de Lisboa e Porto desde finais do século XIX (Artiaga 2007): as suas obras eram presença regular nos programas da Sociedade de Quartetos, Sociedade de Música de Câmara do Porto e Orpheon Portuense (Ribeiro 2001; Nery 2015; Vilares 2015; Hora 2014). Este fenómeno, apoiado pela burguesia, enquadra-se na crescente preponderância da música instrumental, especialmente alemã e francesa, a partir de 1870. Estas sociedades musicais cultivavam os ideais de progresso, aperfeiçoamento das sociedades, e educação do gosto através da valorização da música instrumental. Até então, o género dominante era a música operática italiana, apreciada pela aristocracia (Castro 1991; Artiaga 2007; Ribeiro 2014).

No início da Primeira República esta tendência manteve-se; no caso das obras com violino, verifica-se a prevalência de compositores alemães e austríacos nos programas entre 1910 e 1916. Analisados 360 concertos (Sá 2017), o repertório de origem germânica compreendeu 54%, com as obras de Beethoven (93 apresentações), Saint-Saëns, Mozart, J. S. Bach e Mendelssohn entre as mais tocadas.

Um momento importante para a difusão do repertório violinístico ocorreu na apresentação integral das sonatas para piano e violino de Beethoven, entre Janeiro e Março de 1915, no Salão do Grémio Literário, em Lisboa, por Alexandre Rey Colaço e Júlio Cardona.

### **Objectivo e metodologia**

Pretende-se contribuir para a caracterização dos intérpretes e contextos, aferindo a recepção na imprensa através da análise das críticas a estes cinco concertos, que tiveram a cobertura de parte da imprensa (*A Arte Musical*, *Eco Musical*, *O Dia*, *O Intransigente*, *Ecco Artístico*, *O Século*, *A República* e *Diário de Notícias*). Geralmente os autores são omissos, existindo artigos assinados com iniciais ou pseudónimos, exceptuando-se os artigos de Francisco de Sousa Coutinho no jornal *O Intransigente*. No jornal *O Século* as críticas são assinadas por A. P., provavelmente Alfredo Pinto (Sacavém), e n'*A República* por S. T. Nos jornais *O Dia* e *Ecco Artístico* são utilizados os pseudónimos Dom Modesto e Justos. Neste último caso, verifica-se a participação de

alguns dos seus colaboradores nestas audições: o conferencista Mello Barreto e Francesco Codivilla (*Ecco Artístico*: Fevereiro 1915).

O corpus de análise englobou 21 recortes de jornal do espólio de Júlio Cardona<sup>48</sup>, transcritos e analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011).

Daí foram estabelecidas as categorias da Tabela I.

<b>Categorias iniciais</b>	<b>Categorias intermédias</b>	<b>Categorias finais</b>
Rey Colaço	Intérpretes	1. Intervenientes
Júlio Cardona		
Outros intérpretes - pianistas		
Outros intérpretes - cantores		
Palestra Mello Barretto	Palestrante	
Interpretação Colaço/Cardona	Interpretação dos artistas	2. Interpretação
Outras interpretações	Interpretações dos colaboradores e discípulos	
L. Beethoven	A genialidade do compositor	3. A importância do compositor e do repertório
Sonatas para piano e violino	Repertório	
O Grémio Literário	Promoção das artes	4. O Grémio Literário, os seus valores e objectivos
Carácter pedagógico dos concertos		
A Sala	Descrição da sala	
Elitismo do Público	Elitismo e reacções da assistência	
Reacções do público		

Tabela I. Categorias de investigação.

Em seguida serão apresentados os resultados dessa análise de conteúdo, de acordo com as categorias delineadas.

### **Intervenientes**

Alexandre Rey Colaço (n. 30/04/1854, Tanger, Marrocos – m. 11/11/1928, Lisboa) foi uma das personalidades mais importantes do meio musical lisboeta. Depois dos estudos iniciais em Marrocos, prosseguiu-os em Madrid, Paris e Berlim. Em 1887 mudou-se para Lisboa, tornando-se professor do Conservatório Real em 1896 (Rosa 2009: 276). Teresa Cascudo (2010: 307-308) considera-o um dos introdutores da obra de J. S. Bach e dos

<sup>48</sup> Museu Nacional da Música, Lisboa, Espólio Júlio Cardona: *Concertos Rey Colaço e J. Cardona – Opinião da imprensa*, Cota: MM 2005-0006-3337.

autores românticos alemães em Portugal. Compôs obras para piano com influências andaluzas e marroquinas.

José Júlio Cardona da Silva (n. 29/03/1879, Covilhã - m. 02/04/1950, Lisboa) foi um dos violinistas mais importantes da primeira metade do século XX em Portugal. Estudou com seu pai, José Augusto Ferreira da Silva. Trabalhou nas orquestras do Teatro S. João, até 1897, e do Teatro S. Carlos (*Eco Musical* 23/01/1913). Foi professor no Conservatório de Lisboa entre 1900 e 1942 (Rosa 2009: 277). Entre os seus alunos contam-se Luís Barbosa, Paulo Manso, Fernando Cabral, Raul Costa e Lídia de Carvalho. Dirigiu a Orquestra de Lisboa (1911), a Sociedade Nacional de Música de Câmara (1919) e a Orquestra Feminina de Lisboa (1929). Integrou o sexteto do Teatro do Gimnásio e presidiu à Direcção da Associação de Classe de Músicos Portugueses. Na sua carreira sobressaíram ainda os concertos com os pianistas Hernâni Torres e Teófilo Russel e as interpretações integrais das sonatas para piano e violino e dos trios de L. Beethoven com o violoncelista João Passos e o pianista Rey Colaço (Pereira e Silva 2010).

Nestas audições, na parte central, participaram discípulos de Colaço (Ema Campos, Abílio Roseira e Antónia Costa), os cantores Francisco de Sousa Coutinho, Guittan de Vignemont e os discípulos Sarah Ramalhete, Rodolfo Sillingardi, Ângelo Marques, António Caldeira e Amélia Cid. Os acompanhamentos ficaram a cargo de Francesco Codivilla, do próprio Rey Colaço e de Castro Freire. A última audição incluiu uma palestra do jornalista e crítico musical João de Mello Barreto. Todas as sessões incluíram duas sonatas interpretadas por Colaço e Cardona.

O mentor desta iniciativa foi Colaço, vinte e cinco anos mais velho do que Cardona. O jornal *O Dia* de 12 de Fevereiro refere-se a Colaço como “artista máximo”, tratando Cardona como “ilustre colaborador”. Através do *Eco Musical* de 23 de Fevereiro, percebe-se a importância de Colaço na intenção desta iniciativa:

Colaço propôs-se apresentar pela ordem cronológica essas dez parcelas da colossal herança que Beethoven deixou a posteridade, e conquanto elas não sejam, em geral, o mais valioso quinhão dessa herança, o seu conhecimento integral dando ocasião ao estudo comparativo, não deixa de ser sumamente interessante.

Mais adiante, o mesmo jornal indica:

Colaço, neste seu novo empreendimento é coadjuvado por Júlio Cardona, um violinista cuja reputação está feita e que tanto se distingue por uma facilidade técnica admirável.

Estes intérpretes são classificados pela imprensa como virtuosos, “dignos professores”, “prestigiosos artistas”, atribuindo-lhes qualidades como mérito, talento, distinção e

“extrema sensibilidade” (*A Arte Musical* 28/02/1915). O *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro classifica-os como “dois artistas dos que mais salientam no nosso meio musical” e o *Eco Musical* de 16 de Fevereiro descreve-os como “artistas de imenso valor”.

### **Interpretação**

Os periódicos que noticiaram a primeira audição, a 28 de Janeiro, foram *O Intransigente*, o *Diário de Notícias*, o *Eco musical* e o *Ecco Artístico*. Nesta ocasião foram interpretadas as Sonatas n.º 1 e 2, Op. 12. Estes jornais são unânimes na aprovação da performance categorizando-a como “excelente”, “brilhante”, “plena de mérito”, “primorosa” e “cuidada”. Cardona apresentou ainda a Romance em Sol maior, fazendo valer, segundo o *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro, “os seus altos méritos de violinista que tem de há muito os seus créditos firmados”. O *Ecco Artístico* de Fevereiro, a propósito deste concerto, deixou-nos uma das críticas mais objectivas:

A execução foi bastante cuidada sendo de notar o escrupulo que houve em observar a partitura na sua integralidade. Júlio Cardona esteve preciso na afinação e consciencioso na execução não se preocupando com efeitos para se sentir estritamente ao que o mestre escreveu.

Na segunda audição, a 18 de Fevereiro, foram apresentadas as *Sonatas Op. 12, n.º 3*, e *Op. 23*. Na imprensa, é enaltecida a excelência técnico-interpretativa destes intérpretes. O *Diário de Notícias* e *O Intransigente* de 19 de Fevereiro referem a “sobriedade” e a “execução impecável” e *A República* do dia seguinte indica que os intérpretes “encantaram o auditório”.

A 25 de Fevereiro, Colaço e Cardona tocaram as *Sonatas Op. 24* e *Op. 30 n.º 1*, e a *Romance em Fá maior*. O jornal *O Século* de 19 de Fevereiro considerou “não poder ser mais perfeita a interpretação nem mais delicado o sentimento artístico dado a tão lindos trechos”. *A Arte Musical* mencionou o sucesso da iniciativa e o apoio do público.

A 4 de Março foram apresentadas as *Sonatas Op. 30, n.º 2* e 3. Mais uma vez a imprensa foi favorável aos intérpretes. O *Diário de Notícias* do dia seguinte escreveu: “Os nossos eximios artistas deram a ambas estas obras o maior relevo mostrando havê-las estudado com todo o carinho que merecem e vencendo todas as dificuldades da execução”. A 6 de Março o *República* notou a “forma superior” como Colaço e Cardona interpretaram as sonatas. *O Dia* centrou o seu artigo na importância de Beethoven e nos atractivos das sonatas, referindo o “mérito” dos intérpretes. O *Ecco Artístico* evidenciou a menor assistência desta audição, atribuindo esse facto aos acontecimentos políticos do dia e notou uma “bela execução” das sonatas.

A última sessão decorreu a 11 de Março, com as *Sonatas Op. 47 “Kreutzer”* e *Op. 96*. O *Diário de Notícias* referiu esta audição como o “ponto culminante da série” destacando a interpretação “impecável”. O *Eco Musical* evidenciou o sucesso da iniciativa e classificou a execução das sonatas como “magistral”. O *Intransigente* realçou o “brilhantismo” de todas as sessões.

A imprensa dedicou bastante atenção aos intérpretes amadores e discípulos. O *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro classificou Ema Campos como uma pianista “distintíssima”. António Caldeira, aluno de Francisco Coutinho, é elogiado pelo seu timbre e talento. A 20 de Fevereiro *A República* evidenciou os progressos de Sillingardi e a pequena voz de Sarah Ramalheite. Relativamente a Abílio Roseira, aluno de Colaço, o *Diário de Notícias* do dia anterior ressaltou a sua “inteligência” e “perfeita escola”. O *Século* de 26 de Fevereiro notou a “imensa arte e técnica” e “fina escola” da pianista Antónia Costa e a “voz potente e simpática” de Ângelo Marques. *A República* de 6 de Março refere Amélia Cid como uma “notável amadora de bons créditos” e exalta a arte e voz de Sousa Coutinho. O *Diário de Notícias* e *O Intransigente*, do dia 12 consideraram a performance de Guittan de Vignemont de “excelente estilo” e “notável intuição artística”.

### **A importância de Beethoven e das sonatas para piano e violino**

Nas notícias analisadas são frequentes as referências à importância de Beethoven. O *Dia* de 12 de Março apelidou-o de “semi-deus de Bönn”, *O Intransigente* de 30 de Janeiro e 19 de Fevereiro classificou-o como “genial” e “mestre dos mestres” e *O Século* de 29 de Janeiro adjectivou-o como “colossal”. A imprensa encontra a genialidade de Beethoven nas sinfonias, nos *Lieder*, na ópera *Fidélío* e nas sonatas, ainda que alguns críticos atribuam a estas últimas um protagonismo menor. Não é o caso do crítico de *O Dia* que, a 12 de Março, se socorreu de palavras atribuídas a Berlioz para destacar a importância deste género e em particular das sonatas de Beethoven que estabelece como escala métrica do desenvolvimento da inteligência musical das sociedades.

### **O Grémio Literário, os seus valores e objectivos**

O Grémio Literário, fundado em 1846 por um grupo onde se incluíam Alexandre Herculano e Almeida Garrett, dedicava-se à promoção das artes, letras e ciências. Este enquadramento histórico, a importância de Beethoven, das sonatas para violino e piano e o enaltecimento da capacidade artística dos intérpretes, foram os temas da conferência de Mello Barreto (*O Dia* 12/03/1915).

O reduzido tamanho da sala é bastante mencionado na imprensa (*O dia* 12/03/1915, *Diário de Notícias* 29/01/1915, *O Século* 29/01/1915, *O Intransigente* 19/02/1915). É também salientado o “ambiente de aprimorada elegância” (*O Dia* 5/03/1915). A imprensa

relatou as reações do público, contando-se onze referências geralmente muito positivas em relação aos intervenientes com expressões como “estrondosa ovação”, “calorosos”, “ruidosos” e “inúmeros” aplausos (*O Século* 26/02/1915, *O Intransigente* 12/03/1915, *Ecco Artístico* Fevereiro e Março). Apenas *O Intransigente* de 19 de Fevereiro relatou a frieza do público na segunda audição: “Os aplausos não foram em proporção à concorrência. Ouve-os, sim, mas tão discretos que quase pareciam um favor a quem de justiça os merecia.”

Colaço, citado em *O Dia* de 12 de Março, terá assumido que “cabem nesta sala todos os que entre nós possuem o instinto, a educação e o gosto necessários para compreender e sentir o génio de Beethoven na sua expressão suprema, que é a das sonatas”. Sousa Coutinho partilha da mesma opinião e escreveu n’*O Intransigente* de 19 de Fevereiro:

Julgará o público alfacinha que a música de câmara não vale a pena ouvir-se, como uma delícia para o ouvido e para o espírito, e que só são bons os concertos em que entram muitos professores e muitos cornetins, rabeções, rabeças, trombones, bombo, pratos, etc. com muito rufo á mistura e muito gesto esquisito da regência? Puro engano. Esses mestres acabados em «offs» e «koffs» quase sempre incompreensíveis do público, a mim não me produzem a extraordinária sensação que eu sinto ao ouvir aquelas coisinhas de Schuber ou Beethoven, interpretadas por um artista como Rey Colaço ou cantadas por Mlle Rey Colaço.

O mesmo autor nota, no artigo “Música a sério” d’*O Intransigente* de 30 de Janeiro, a “educação musical que os nossos auditórios vão adquirindo progressivamente”. Esta alusão pedagógica é notória na imprensa através do uso de expressões como “vulgarização beethoveniana”, “divulgação”, ou “vulgarização da música clássica” (*Diário de Notícias* 19/02/1915; *Eco Musical* 26/02/1915; *O Intransigente* 19/02/1915).

## **Discussão**

A partir do modelo proposto por Bardin (2011) estabeleceram-se quatro categorias de investigação (Tabela I): Intervenientes; Interpretação; A importância do compositor e do repertório; O Grémio Literário, os seus valores e objectivos. A análise da imprensa evidencia o reconhecimento artístico gozado por Rey Colaço e Júlio Cardona, caracterizados como *virtuosi* exímios e qualifica as suas interpretações como magistrais, plenas de mérito, brilho e sensibilidade. Apesar de pouco frequente nos recitais actuais, a presença no mesmo espectáculo de intérpretes profissionais, amadores e discípulos era habitual nos salões aristocráticos e burgueses em Portugal desde os finais do século XIX. Singular é a circunstância de todo o repertório apresentado ser de um único compositor, L. Beethoven. Este facto reforça o estatuto de genialidade e endeusamento deste autor por parte dos promotores e a intenção de divulgação da sua obra. A imprensa considerou

a iniciativa um “supremo regalo d’arte”<sup>49</sup> advogando nalguns casos a superioridade artística deste repertório camerístico relativamente à música sinfónica. São também evidenciados o carácter pedagógico destes concertos e o agrado do público, que encheu a requintada sala do Grémio Literário na maioria das sessões. Através da promoção da música de câmara e particularmente da obra de Beethoven, estas audições enquadram-se exemplarmente nos valores e objetivos de dinamização cultural do Grémio Literário sendo-lhes reconhecida uma destacada importância artística no meio musical lisboeta do início do século XX.

---

<sup>49</sup> *A Arte Musical* de 15 de Março de 1915.

## Referências

### Periódicos

Museu Nacional da Música, Lisboa, Espólio Júlio Cardona: *Concertos Rey Colaço e J. Cardona – Opinião da imprensa*, Cota: MM 2005-0006-3337.

*A Arte Musical*: 28/02/1915; 15/03/1915.

*A República*: 20/02/1915; 6/03/1915.

*Diário de Notícias*: 29/01/1915; 19/02/1915; 05/03/1915; 12/03/1915.

*Ecco Artístico*: Fevereiro 1915; Março 1915.

*Eco Musical*: 16/02/1915; 23/02/1915; 16/12/1912; 23/01/1913.

*O dia*: 05/03/1915; 12/03/1915.

*O Intransigente*: 30/01/1915; 19/02/1915; 12/03/1915.

*O Século*: 29/01/1915; 12/02/1915; 19/02/1915.

## Referências

Artiaga, Maria José (2007), *Continuity and Change in Three Decades of Portuguese Musical Life 1870 -1900*, (Tese de Doutoramento não-publicada), Universidade de Londres, Londres

Bardin, Laurence (2011), *Análise de conteúdo*, São Paulo: Edições 70

Cascudo, Teresa (2010), “Colaço, Alexandre Rey.” in Castelo-Branco, Salwa (dir) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, Circulo de Leitores, vol. 1, pp. 307-308

Castro, Paulo Ferreira de (1991) “O Século XX.” in Castro, Paulo Ferreira de, Rui Vieira Nery, *Sínteses da Cultura Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda  
Hora, Tiago Manuel da (2014) “Orpheon Portuense (1881-2008): Actividade Artística.” in Gomes de Araújo, Henrique (coord), *A Sociedade Orpheon Portuense (1881-2008) Tradição e Inovação*, Porto: Universidade Católica Editora

Nery, Rui Vieira (2015), *Os Sons da República*, Lisboa: INCM: Imprensa Nacional Casa da Moeda

Pereira, Leonor, & Silva, Hugo (2010), “Cardona Silva, José Júlio.” in Castelo-Branco, Salwa (dir), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, Circulo de Leitores, vol. 1, pp. 240-241

Ribeiro, Helena Maria (2001), *A Emergência de um novo gosto musical no Porto: A Sociedade de Quartetos (1874-1881)*, (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra

Ribeiro, Jorge Castro (2014), "A Arte de Saber Ouvir: A Música de Câmara na história do Orpheon Portuense." In Henrique L. Gome de Araújo, *A Sociedade Orpheon Portuense (1881-2008): Tradição e Inovação*, Porto: Universidade Católica Editora, pp. 128-145

Rosa, Joaquim Carmelo (2009), *Struggling at the Margins: Musical Education in Lisbon (1860-1910)*, (Tese de Doutoramento), Universidade de Londres, Londres

Sá, Hélder José Batista (2017), "O Violino na Imprensa Portuguesa no início da Primeira República (1910-1916): Intérpretes, Repertórios e Contextos", paper apresentado no 5º Congresso MUSPRES, Lisboa

Vilares, Ricardo (2015), *Um Sagrado Enlevo': Moreira de Sá e o culto da música de câmara no Porto*, (Dissertação de mestrado), Universidade de Aveiro, Aveiro